

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO-UERJ
CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIA-CTC
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS-IGEO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO-ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS
TERRITORIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.



**A VALORIZAÇÃO DO “ESPAÇO” PRODUZINDO A VALORAÇÃO
DO “LUGAR”: O CASO DE ILHA DE GUARATIBA-R.J.**

POR

MARCIO LUIS FERNANDES

RIO DE JANEIRO

AGOSTO DE 2006

POR

MARCIO LUIS FERNANDES

A VALORIZAÇÃO DO “ESPAÇO” PRODUZINDO A VALORAÇÃO DO LUGAR:
O CASO DE ILHA DE GUARATIBA-R.J.

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação em geografia do instituto de geociências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ-como requisito para obtenção do título de pós-graduação com especialização em políticas territoriais no estado do Rio de Janeiro (lato-sensu).

ORIENTADOR:PROF. DR. JOÃO BAPTISTA FERREIRA DE MELLO

RIO DE JANEIRO

AGOSTO DE 2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CTC/C

Fernandes, Marcio Luis.

A Valorização do “Espaço” Produzindo a Valoração do “Lugar”: O Caso de Ilha de Guaratiba - R.J./Marcio Luis Fernandes – 2006, _____ 60 folhas.

Orientador: João Baptista Ferreira de Mello.

Monografia (Pós-graduação com especialização em políticas territoriais no estado do Rio de Janeiro) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências. Rio de Janeiro, 2006.

Bibliografia: F. 60 _____ - _____ .

1. Especulação imobiliária – Ilha de Guaratiba – risco ambiental – urbanização – monografia. 2. Geografia humanística – espaço – valorização – lugar – valoração. I. Fernandes, Marcio Luis. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências. III. Título.

POR

MARCIO LUIS FERNANDES

A VALORIZAÇÃO DO “ESPAÇO” PRODUZINDO A VALORAÇÃO DO “LUGAR”:
O CASO DE ILHA DE GUARATIBA-R.J.

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação em geografia do Instituto de Geociências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de pós-graduação com especialização em políticas territoriais no estado do Rio de Janeiro(lato-sensu).

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR DOUTOR JOÃO BAPTISTA FERREIRA DE MELLO –
ORIENTADOR (UERJ)

PROFESSOR DOUTOR GLAUCIO JOSÉ MARAFON (UERJ)

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL ANGELO CAMPOS RIBEIRO (UERJ)

DEICATÓRIA

Tenho por certo que aquele que em mim começou a boa obra, a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus (Filipenses 1: 6).

Dedico este trabalho àquele que é fiel para completar em mim a boa obra que começou;

Àquele que em todos os momentos está comigo, suprindo cada uma de minhas necessidades;

Àquele que é o meu maior incentivador e a fonte de toda a minha inspiração;

Àquele que era, que é, que sempre será e que há de vir;

Dedico este trabalho a Deus, por Jesus, autor e consumador da minha fé.

Não somos o que deveríamos ser;
Não somos o que queríamos ser;
Não somos o que poderíamos ser;
Mas, graças a Deus, não somos mais o que
éramos.

(Pastor Martim Luther King)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por mais uma etapa vencida;

À minha mãe, pela dedicação e ajuda;

À minha família, pelo suporte;

Aos companheiros e companheiras de sala de aula, em especial o Bruno, por ter compartilhado os conhecimentos;

Ao professor Gilmar Mascarenhas, por nos deixar tão à vontade na UERJ desde a nossa chegada;

Ao professor Jorge Marques, pela proeza de nos ensinar a gostar de geografia física;

Ao professor Miguel Ângelo, pela dedicação e exemplo profissional;

Ao professor Gláucio José Marafon, pela espontaneidade com que aceitou o nosso convite para participar da banca examinadora;

Ao professor João Baptista, pelo apoio e por ter acrescido tanto a este trabalho;

Aos moradores de Ilha de Guaratiba, por ajudarem a transformar um “espaço” indiferenciado em um “lugar” de verdade.

“Qual ave que vagueia longe do seu ninho, assim é o homem que anda vagueando longe do seu lugar”

(Provérbios 27: 8).

RESUMO

Ilha de Guaratiba, porção periférica da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, passa, atualmente, por uma verdadeira metamorfose, uma vez que sua pretérita configuração rural-agrícola vem sendo substituída pela hodierna dinâmica urbano-residencial. A crescente especulação imobiliária em voga na localidade teve seu início na década de 1970, intensificando-se nos últimos anos da década de 1990. Esta marcha urbanizadora tem metamorfoseado Ilha de Guaratiba em um dos veios do espraiamento da urbe carioca nos últimos anos. O evento em questão tem estimulado uma considerável mobilidade em direção ao lugar. O local bucólico, visitado esporadicamente por proprietários de residências secundárias – tradicional produtor agrícola – passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente. A localidade em tela há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. Muitos especialistas apontam que a cidade do Rio de Janeiro crescerá em direção à Guaratiba, notadamente os segmentos mais abastados. Com efeito, a análise dos espaços e lugares, por meio de pesquisas qualitativas, engloba dimensões concernentes aos significados, às questões existenciais e mesmo as metamorfoses simbólicas e sentimentais dos seus vivenciadores, registrando o seu modo de ser e sentir o seu mundo. Neste ponto, cabe indagar: todo esse turbilhão de alterações do rural para o urbano tem interferido no sentimento dos guaratibanos em relação ao seu lugar? Concernente às transformações que ocorrem em um dado lugar, pensamos que as metamorfoses existenciais, as perspectivas e as demais experiências vividas por seus habitantes não devem ser negligenciadas. Partindo destas premissas, os contextos geográficos pretéritos e contemporâneos de Ilha de Guaratiba serão interpretados considerando as experiências relatadas por seus vivenciadores. Esta monografia de especialização tem por objetivo abordar a marcha urbanizadora em Ilha de Guaratiba, verificando - no transcurso deste processo - as mudanças promovidas na vida de relações dos moradores locais.

Palavras-chave: espaço; valorização; lugar; valoração; Ilha de Guaratiba.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
I-ILHA DE GUARATIBA:AS AMENIDADES NATURAIS COMO CONDIÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO LUGAR	14
I.1-ILHA DE GUARATIBA EM SUAS ESPECIFICIDADES NATURAIS.....	16
I.2-O GEOGRÁFICO CONTEXTO PRETÉRITO DE ILHA DE GUARATIBA.....	23
II-O PROCESSO DE MUDANÇA EM ILHA DE GUARATIBA E A SUA DINÂMICA ESPACIAL	27
II.1-AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS.....	31
II.2-O TÚNEL DA GROTA FUNDA E O BAIRRO RECREIO DE GUARATIBA:POLÍTICAS PÚBLICAS NO BOJO DAS METAMORFOSES ESPACIAIS.....	37
III-A VALORIZAÇÃO DO “ESPAÇO” PRODUZINDO A VALORAÇÃO DO “LUGAR”	44
III.1-O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO E A INFLUÊNCIA DOS NOVOS MORADORES (CONDÔMINOS) SOBRE O “ESPAÇO”.....	45
III.2-O PROCESSO DE VALORAÇÃO E A MUDANÇA DE CONCEPÇÃO DOS ANTIGOS MORADORES (AUTÓCTONES) NA RELAÇÃO COM O “LUGAR”.....	50
III.3-ILHA DE GUARATIBA : DE “ESPAÇO” A “LUGAR”	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ilha de Guaratiba, porção espacial da zona oeste do município do Rio de Janeiro, vem passando por mudanças consideráveis em sua área, principalmente a partir dos últimos quinze anos, no que tange à especulação imobiliária e o conseqüente surgimento de vários condomínios horizontais na configuração territorial representada pela parte leste da baixada de Guaratiba.

O local bucólico, visitado por proprietários de sítios e casas apenas nos finais de semana – tradicional produtor de hortifrutigranjeiros e ornamentais – passa por um rápido e crescente processo de valorização imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente.

A porção da baixada de Guaratiba, representada pela área estudada, há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. É consenso entre os especialistas no assunto que o Rio de Janeiro crescerá em direção à Guaratiba (Lessa, 2001). No entanto, especuladores imobiliários incidiram sobre o local com o seu “ativismo”, antes que o mesmo produzisse condições favoráveis à implementação de um projeto de crescimento com uma infraestrutura básica que lhe dê suporte. Esta ação por parte dos agentes de imóveis sobre o lugar antes que o mesmo esteja dotado de suporte infra-estrutural para o crescimento e a valorização que se pretende, configura o que Corrêa (2002) conceitua “antecipação espacial”.

Neste trabalho pretendemos, entre outros propósitos, fazer uma abordagem sobre o processo de transformação a partir do capital imobiliário, considerando as especificidades locais (natural/histórico/estrutural) , as conseqüências deste

evento/processo - tanto no meio físico-natural quanto no modo de viver dos moradores – e, principalmente, analisar através de relatos baseados em entrevistas com os moradores, se o processo de valorização pelo qual passa o local tem obtido algum tipo de influência sobre a óbvia mudança de concepção dos moradores em relação ao lugar. Esta nova postura dos guaratibanos em relação à Ilha de Guaratiba foi percebida em nosso último trabalho (Fernandes, 2003) quando os “nativos”, através de entrevistas, relataram que o local, antes rejeitado por muitos de seus “antigos” moradores, passou a denotar – gradativamente – uma significância. Estes, passaram a nutrir pelo mesmo um novo tipo de sentimento baseado em outras relações e comportamentos com o “espaço” indiferenciado aos poucos transformado em “lugar”. Segundo Tuan (1983), na experiência, o significado de “espaço” freqüentemente se confunde com o de “lugar”. O que começa como “espaço” indiferenciado transforma-se em “lugar” à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (valoração).

Tais princípios são defendidos pela geografia humanística que se fundamenta em subjetividades, simbolismos e identidades. Seguindo tal corrente, a monografia se pautará em pesquisas qualitativas, portanto baseadas em entrevistas a moradores do lugar. No entanto, além da abordagem humanística, pretendemos com este trabalho também salientar o seguinte: Ilha de Guaratiba ainda não está preparada para o crescimento que se fomenta. Neste contexto, a metamorfose espacial que o local vem sofrendo – principalmente a partir dos últimos quinze anos - tem mudado sua estrutura interna, sua paisagem (natural e cultural) bem como o modo de viver da maioria dos moradores. Além de tudo isso, com essa pesquisa ambicionamos demonstrar que Ilha de Guaratiba, por sua

importância estratégica – baseada em sua localização e nas especificidades de sua área – e também do ponto de vista ambiental, merece uma atenção maior por parte das autoridades, mediante políticas públicas que viabilizem um crescimento qualitativo.

O objetivo central deste trabalho está embasado na abordagem e na investigação das muitas mudanças ocorridas no espaço em destaque – provocadas pelo crescente processo de valorização de seu solo – bem como a influência que esta valorização tem exercido no processo de valorização do “espaço” por parte dos guaratibanos, transformando-o em “lugar”.

A presente monografia está organizada em três capítulos onde primeiramente abordaremos sobre as amenidades naturais do local, salientando que as mesmas exercem um papel muito importante no processo de valorização do lugar. Ainda no capítulo I, buscaremos caracterizar a área de estudo, fazendo uma breve abordagem de seu ímpar contexto histórico, pleno de características peculiares e carregado de simbolismo.

No capítulo II, enfocaremos o processo de transformação a partir do capital imobiliário pelo qual o local vem passando e a conseqüente metamorfose espacial que o mesmo tem provocado no lugar. Neste capítulo falaremos especificamente sobre o evento em questão, fazendo uma abordagem sobre a transformação espacial provocada pelo surgimento e proliferação dos condomínios, bem como os fatores – externos e internos – que possibilitaram tanto o início quanto a continuidade do fenômeno em voga. Terminaremos esta segunda parte do trabalho escrevendo sobre os dois mais importantes projetos – no que tange às políticas públicas – idealizados para incidir diretamente sobre o lugar: a

construção do túnel da Grota Funda ligando diretamente o bairro Recreio dos Bandeirantes à Ilha de Guaratiba e ainda a criação do bairro Recreio de Guaratiba, referente ao projeto urbanístico do atual prefeito – César Maia – para o local.

Finalmente, no terceiro capítulo, versaremos sobre a influência que a constante valorização local tem exercido sobre o processo de valorização do lugar em questão. A nossa proposição é que a valorização do espaço de Ilha de Guaratiba tem provocado – por alguns motivos – a valorização do guaratibano por esse “espaço”, transformando-o em “lugar”.

Entre os objetivos específicos deste trabalho estão: compreender a dinâmica que envolve a área de estudo bem como os possíveis fatores causadores do evento transformador/ modificador em questão; Analisar – no seu tempo – as causas que conduziram o espaço de Ilha de Guaratiba a mudar de função, bem como as conseqüências desta mudança, tanto para os moradores quanto para o ambiente físico-natural; Caracterizar a maneira como os moradores – baseando-se na interpretação de seus sentimentos topofílicos – estão vivenciando essas transformações, procurando demonstrar como os mesmos estão inseridos no dado processo/evento.

I – ILHA DE GUARATIBA: AS AMENIDADES NATURAIS COMO CONDIÇÃO PARA A VALORIZAÇÃO DO LUGAR

Segundo Tuan (1980, b. p.113), para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. Podemos deduzir então que essa “valoração” pode estar atrelada a inúmeros elementos do mundo particular (“lugar”) de cada indivíduo. As particularidades existentes em um lugar expressam-se pela diversidade de seus elementos naturais e culturais. Estes nos revelam também a história do lugar, pois são registros das transformações pelas quais os elementos da natureza e os da sociedade têm passado com o decorrer do tempo.

Como toda porção espacial, Ilha de Guaratiba possui características específicas que a distingue dos demais lugares. Nesse contexto, a sua paisagem natural, juntamente com o seu geográfico contexto pretérito – pleno de acontecimentos singulares – são exemplos patentes de sua particularidade. Sendo uma área de baixada com um verde amplo e exuberante, cercada em grande parte pelo maciço da Pedra Branca (serra geral de Guaratiba), Ilha de Guaratiba tem como marcas mais importantes a sua belíssima paisagem natural e a notória tranquilidade, típica de um local que, de certo modo, “parou no tempo” (Fernandes, 2003).

O maciço da Pedra Branca – derramando-se sobre o mar – seguindo por escarpas, montanhas e grotões florestados contorna – com exceção da parte sudeste – todo o lugar, fazendo do mesmo uma espécie de “ilha”, cercada de verde e de morros por todos os lados.

O isolamento natural – provocado pela serra geral de Guaratiba – ao longo dos séculos dificultou o acesso a esta área que, separando-a parcialmente do restante do município, fez com que suas principais especificidades naturais fossem preservadas. Quando se fala em área verde Ilha de Guaratiba pode se considerar privilegiada. No local ainda podemos encontrar importantes áreas de preservação ambiental e significativos trechos de mata atlântica (Fernandes, 2003).

A toponímia originou-se por corruptela do nome do inglês Willian que – vindo na comitiva de D. João VI em 1808 – foi morar na parte interior da Barra de Guaratiba – onde hoje fica Ilha de Guaratiba – (Pinto, 1986). Esse inglês era o proprietário da maioria das terras da área em questão, e como os seus contemporâneos não se esmeravam em pronunciar de forma correta o seu nome, passaram a chamá-lo de Wílha, seu Wílha de Guaratiba e, por fim, Ilha de Guaratiba – em homenagem ao inglês Willian, antigo proprietário das terras do local (Lessa 2000). Já o nome Guaratiba, originou-se do grande número de aves pernaltas que povoavam a localidade, os guarás. Como “tiba”, em Tupi-Guaraní, significa abundância, etimologicamente, Guaratiba significa “abundância de guarás” (Fernandes, 2003). Sendo uma área de preservação ambiental, Ilha de Guaratiba sempre se caracterizou pelo predomínio de áreas verdes e pelo “ar interiorano” (Fernandes, 2003).

Este primeiro capítulo – além de caracterizar a área de estudo – tem por objetivo a abordagem das amenidades naturais como condição para a valorização do lugar em questão.

I.1 – ILHA DE GUARATIBA EM SUAS ESPECIFICIDADES NATURAIS

O relevo é o elemento fundamental da paisagem física e, por isso, suas formas são estudadas pelos geógrafos, pois elas fornecem muitas vezes a explicação de certos tipos de paisagens culturais (Guerra, 1993). Ilha de Guaratiba não foge a esta regra pois, ao longo de sua história, a morfologia local sempre obteve uma influência notória sobre a formação do lugar.

A topografia local é composta basicamente por uma área de planície (planície da maré de Guaratiba) – onde algumas “barreiras” aparecem sob a forma de relevos arredondados isolados (Ferreira e Oliveira, 1987) – delimitados por uma cadeia de serras chamada de Serra Geral de Guaratiba, integrantes do maciço da Pedra Branca (Castro, 2002).

No quadro hipsométrico local, destacam-se o morro da Toca Grande (577m), o morro dos Caboclos (696m), o morro de Santo Antônio da Bica (482m) – (Castro, 2002; Targino e Monteiro, 2000), além de elevações menores como o morro do Engenho Novo e o morro da Ilha (XXVI R.A, 2005).

A baixada de Guaratiba vem passando nos últimos quinze anos por uma verdadeira metamorfose espacial, uma vez que sua morfologia tem sido alterada gradativamente pelos vários desmanches de barreiras (relevos arredondados isolados) para o aterramento de áreas de mangue na planície da maré de Guaratiba. Boa parte dessa área de mangue tem dado lugar à construção de vários condomínios horizontais.

A morfologia local se confunde com a vegetação das encostas e maciços e também com a dos morros da baixada, proporcionando assim uma vista

privilegiada, tanto do alto do maciço, de onde podemos observar a baixada com o seu verde exuberante, quanto da própria baixada, onde ao olharmos para a cadeia montanhosa, nos deparamos com a belíssima paisagem representada pelo “mar de morros” que caprichosamente contorna o lugar.

Em relação à hidrografia local, Ilha de Guaratiba faz parte da bacia hidrográfica da baía de Sepetiba e tem como o seu grande divisor de águas o maciço da Pedra Branca – serra geral de Guaratiba e serra do Cabuçú – (Targino e Monteiro, 2000).

O principal rio, o Portinho, como os demais, nasce no grande divisor de águas e é “alimentado” por vários afluentes (Castro, 2002). Este rio – ao longo da história – exerceu um importante papel econômico em Ilha de Guaratiba. Em Pinto (1986) há relatos sobre o naufrágio de alguns barcos (ao final do século XVIII) quando estes escoavam a produção de açúcar do antigo engenho do Morgado – hoje alambique dos mudinhos – (Fernandes,2003). O mesmo Rio do Portinho, no início do século XIX, era utilizado para escoar os produtos dos engenhos do interior do lugar – através de embarcações de médio calado. Hoje encontra-se praticamente assoreado e não navegável (Castro, 2002). Sua piscosidade era abundante, principalmente no canal da maré. Hodiernamente, encontra-se comprometida pelo aumento na deposição de resíduos líquidos e sólidos (esgotos) propiciado pela proliferação de moradias.

Tal como o maciço da Tijuca, a história de proteção das florestas do maciço da Pedra Branca esteve associada à preservação do potencial hídrico. A devastação que ocorreu no estado para ceder espaço a diversas culturas agrícolas também incidiu sobre o local. O eventual comprometimento de tais

recursos impulsionou a iniciativa de proteção em 1908. Nestas condições, na primeira metade do século XX, o Governo Federal instituiu as florestas protetoras de Guaratiba, Caboclos, Engenho Novo de Guaratiba – entre outras – com o objetivo de proteger os recursos hídricos (Atlas das unidades de conservação da natureza do estado do Rio de Janeiro, 1990).

A utilização dos mananciais como recurso hídrico para o consumo humano – como água potável – sempre foi uma atividade comum para os que residem próximos ao sopé dos morros do lugar. Através do represamento de pequenas nascentes, a água é captada na cabeceira dos córregos e utilizada nas residências através de encanamentos próprios, construídos pelos próprios moradores.

Em elevações intermediárias do morro dos Caboclos – ao final da estrada das Tachas – a companhia de águas e esgotos do estado do Rio de Janeiro (CEDAE) mantém instaladas três represas que captam água do ajuntamento de várias nascentes para o fornecimento à população ao redor.

Em pesquisa de campo realizada recentemente constatamos a desativação da Represa das Tachas – primeira a ser instalada e situada no sopé do morro – devido a ausência de recursos hídricos. Acima desta, sem função, foram instaladas as represas Coqueiro e - ainda mais acima – a Andorinha. Chamou atenção neste campo a constatação de que a represa Andorinha armazena uma quantidade de água bem menor que a Coqueiro, que por sua vez transbordava. Este fato evidencia a existência de um grande número de nascentes, não somente nas maiores elevações (à montante), mas também nas menores, mais à jusante.

No tocante à hidrografia de Ilha de Guaratiba, a existência do maciço da Pedra Branca e a manutenção / preservação do que resta de sua vegetação é determinante para que o local continue a possuir a abundância de recursos hídricos disponíveis.

Por se tratar de uma área com tradição agrícola, Ilha de Guaratiba sempre dependeu de solos que permitissem a manutenção desta atividade. O próprio histórico do lugar ratifica a sua aptidão agrícola, pois o mesmo já vivenciou a riqueza do café (século XVIII) – nas encostas e elevações das serras – e o vicejar da cana-de-açúcar, principalmente no vale entre as serras. Mesmo nos dias atuais é comum encontrar no lugar muitas plantações cultivadas por famílias dependentes de atividades agrícolas tradicionais, como o cultivo de verduras e legumes por exemplo. Ilha de Guaratiba, hoje um dos maiores produtores de plantas ornamentais do município, denota assim tanto a sua aptidão agrícola quanto a quantidade e qualidade de seu solo.

Quando se fala em área verde, Ilha de Guaratiba pode ser considerada privilegiada, pois no lugar ainda é possível encontrar importantes áreas de preservação ambiental e significativos trechos florestados (FERNANDES, 2003). No local é possível avistarmos várias espécies de animais silvestres, principalmente nas áreas próximas aos grotões florestados.

Nas elevações superiores – representadas pelas florestas das serras e morros – bem como em suas imediações, ainda é possível encontrar espécies (vegetais e animais) raras, endêmicas e ameaçadas de extinção. A mata encontra-se bem estratificada podendo-se – em alguns pontos – notar um dossel que atinge até 30 metros de altura.

Entre as árvores introduzidas pelo homem – como o cafeeiro, a mangueira e a jaqueira – testemunhos do passado de ocupação e exploração econômica da área, é possível encontrar uma variedade de espécies de madeiras de lei, muitas delas raras e endêmicas, tais como o jequitibá, a noz-moscada-silvestre e o vinhático.

De acordo com estudos científicos em andamento, pode-se constatar a riqueza da fauna local com o registro de espécies raras e endêmicas. Entre os mamíferos destacam-se a preguiça, o furão, o ouriço do mato, o tamanduá-de-colete, o cachorro-do-mato, a paca, a mão-pelada, a cutia, o gato-do-mato e a capivara, dentre outros, de interesse de caçadores.

A avifauna é riquíssima e os pesquisadores já identificaram mais de 180 espécies importantes. Dentre as ameaçadas de extinção destacam-se o tucano-do-bico-preto, a araçari, o gavião-pomba, o gavião-pega-macaco e a jacupemba.

O biosistema da baixada de Guaratiba caracteriza-se pela extensa cobertura de manguezais, local de abrigo e reprodução para muitas espécies, até mesmo ameaçadas de extinção. A área em estudo foi o último local de ocorrência no Rio de Janeiro dos guarás, ave que originou, como já vimos, o topônimo Guaratiba (abundância de guarás).

Nos meandros dos rios há vegetação de manguezal de porte arbóreo. As espécies freqüentes são mangue-vermelho (na faixa mais próxima da água), mangue-branco (localizado na faixa intermediária do manguezal) e mangue-siriúba (que se fixa nas áreas mais próximas da terra firme. Na zona de transição entre o mangue e a terra-firme, surgem espécies típicas de matas alagadas ou de restingas como taboa e pau-de-tamanco, dentre outros. Nos substratos mais

sólidos ocorrem espécimes típicas da fauna deste tipo de ambiente tais como mexilhões e crustáceos (guaiamum, siris e caranguejos).

De uma maneira geral a fauna e a flora do local podem ser divididos em dois subespaços distintos, uma vez que parte da baixada se caracteriza por representar um biossistema tipicamente litorâneo, formado por manguezais. A outra porção, representado pelas serras e morros, forma um biossistema diferenciado em relação ao encontrado na baixada, típico de Mata Atlântica (Atlas das unidades de conservação da natureza do estado do Rio de Janeiro, 1990).

Na época do descobrimento do Brasil a floresta cobria 97% do estado do Rio de Janeiro. De lá para cá a cobertura vegetal sofreu grandes modificações e as matas costeiras foram sendo devastadas, inicialmente pela extração de Pau-Brasil e depois para o fornecimento de material de construção e para intensa exploração agrícola. Das primeiras décadas do século XVII até o início do século XIX, a lavoura de cana-de-açúcar dominava a baixada fluminense em todo o contorno da baía de Guanabara até Araruama. Na baixada de Guaratiba – além da lavoura de cana – criava-se gado bovino (atividade intimamente ligada ao cultivo e processamento de cana), pois o boi era necessário para o transporte e moagem da mesma. Essas atividades – juntamente com a cultura do café – e mais tarde de bananas, nas encostas e morros, contribuíram para modificar sensivelmente a vegetação natural do lugar, tanto na baixada quanto nas serras (Araújo, 1987).

Nos dias atuais vemos o agravamento dos impactos ao meio físico-natural causados, sobretudo, pela intensificação das atividades antrópicas em Ilha de Guaratiba, onde áreas de manguezais têm sido aterradas cedendo lugar a

condomínios residenciais. Muitas outras residências têm tomado o lugar das matas nos sopés dos maciços e morros da área estudada. Como já dissemos anteriormente, muitos morros, sob a forma de relevos arredondados isolados, não mais fazem parte da paisagem pois já desapareceram, sendo utilizados como “barreiras” para o aterramento de mangues na própria planície da maré de Guaratiba. A fauna local sofre com a ação indiscriminada de caçadores que aprisionam pássaros para venda e cativeiro particular e de outros que matam tatus, preguiças, tamanduás, gambás, coelhos, preás, pacas, capivaras, lagartos e ouriços para suas “engordas”.

A relação homem-natureza em Ilha de Guaratiba, no entanto, não se baseia unicamente em ações antrópicas desagregadoras, pois o verdadeiro guaratibano preserva uma relação harmoniosa com o seu ambiente físico-natural. Há no local vários exemplos de pessoas e famílias que ao mudarem-se para o mesmo, trouxeram consigo hábitos preservacionistas que contribuíram muito para a mudança de postura da população autóctone com relação ao ambiente que, sendo valorado, pode proporcionar a todos os seus residentes uma melhor qualidade de vida, além é claro, de uma virtual valorização para o próprio lugar. É consenso entre os guaratibanos que a beleza paisagística do lugar – propiciada principalmente pelo intrincamento do relevo com a vegetação – é um atributo indispensável, pois confere uma valorização notória ao espaço de Ilha de Guaratiba.

I.2 – O GEOGRÁFICO CONTEXTO PRETÉRITO DE ILHA DE GUARATIBA

A história, como principal responsável pelo resgate, análise e apresentação dos acontecimentos pretéritos, permite que as sociedades ou comunidades – através de seus vivenciadores – encontrem uma resposta para muitas das questões que podem hoje ser uma realidade notória em suas instâncias.

A história oficial é sempre formada no/pelo centro e irradia-se até as periferias que, praticamente não têm a oportunidade de expressar-se naquilo que têm de mais autêntico: justamente a sua história local. O caso específico de Ilha de Guaratiba é singular, pois trata-se de uma “periferia da periferia” onde até hoje a sua história oficial está atrelada a de outros lugares mais conhecidos, “desenvolvidos” e/ou populosos que o mesmo (Castro, 2002). Apesar de não estar embasado na história dita oficial, o breve histórico que ora apresentamos condiz com a realidade vivida em Guaratiba através dos séculos e traduz-se na história real do lugar.

Os registros da história de Guaratiba estão datados desde 1579, treze anos após a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (Pinto, 1986). O lugar, no entanto, já era habitado pelos índios Tupi-Guaranis. A rotina dos índios só veio a ser alterada com a chegada de Manoel Velloso que junto com a esposa, Jerônima Cubas, filha de Brás Cubas, veio morar na recém constituída sesmaria de Guaratiba com sua família e, a partir de então, passou a construir e administrar engenhos de produção de açúcar e aguardente para exportação (Fernandes, 2003).

A expansão de Guaratiba fazia-se rapidamente graças ao trabalho árduo dos descendentes de Velloso. Ao final do século XVIII muitos engenhos multiplicavam-se, dentre eles o Engenho Novo, o Engenho de Guaratiba e o Engenho do Morgado, hoje alambique dos mudinhos, outrora pertencente ao padre João Pereira de Cerqueira.

Para escoar a produção, abriu-se caminho mangue a dentro, uma vez que o Rio Portinho precisava ser desobstruído a fim de conferir suporte a esta demanda. Em Pinto (1986) há relatos sobre o naufrágio de alguns barcos no Rio do Portinho, quando era escoada a produção de açúcar do Engenho do Morgado. Um outro fato histórico para o local ocorreu na década de 1950 quando o alambique dos mudinhos, antigo Engenho do Morgado, foi visitado por uma comitiva presidencial na qual estavam presentes os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubischek.

O trabalho nos engenhos era desenvolvido por escravos, a maioria deles fornecidos pela família Breves, residente na Restinga da Marambaia. Segundo Pinto (1986), a partir da descoberta do ouro e do diamante, a mão-de-obra escrava foi deslocada para as minas e o cultivo de cana-de-açúcar foi aos poucos declinando. Ainda no século XVIII, a cultura cafeeira também incidiu sobre o lugar, principalmente nas encostas da serra geral de Guaratiba. Neste contexto, o café provocou uma verdadeira devastação nas matas do Rio de Janeiro e, particularmente em Guaratiba, ainda hoje verifica-se nas encostas dos morros, espécimes isolados oriundos dessa época. O apogeu e o declínio das riquezas dos setores canavieiro e cafeeiro introduziram no local especificidades que se notabilizaram como peculiares ao mesmo.

Devido ao seu passado agrícola, o local se caracterizou como um dos últimos remanescentes rurais do município do Rio de Janeiro. A eventual habilidade dos guaratibanos no trato com a terra fez de Ilha de Guaratiba, durante décadas, um verdadeiro “cinturão verde” (grande produtor de verduras e hortaliças). Os alimentos produzidos eram vendidos no CEASA, no próprio local de cultivo e, principalmente, nas feiras livres espalhadas pelo Rio de Janeiro. Em Ilha de Guaratiba, o dia do descanso semanal era a segunda-feira, pois no domingo, o dia era de feira (FERNANDES, 2003).

Com a decadência das feiras-livres a partir da década de 1980, devido principalmente a implantação e proliferação dos “sacolões”, a produção de alimentos na localidade também decaiu. O declínio desta atividade – além de obrigar os antigos produtores/feirantes a buscarem uma outra alternativa para a sua sobrevivência, produziu também um excedente de terras ociosas que, mais tarde, mudariam, não só a sua função, mas toda a porção espacial em tela.

Muitos dos produtores mudaram apenas de ramo, pois passaram a produzir e comercializar plantas ornamentais. No entanto, outros optaram por vender parte de suas terras. Da venda dessas terras pelos antigos agricultores, seguiu-se uma grande transformação no espaço de Ilha de Guaratiba, pois os novos proprietários das terras mudaram radicalmente a sua função, uma vez que, no local - onde antes havia plantações - sítios, casas e até mesmo condomínios fechados começaram a ser construídos.

O outrora espaço agrário começa, então, a tomar foros de urbano. O antigo espaço rural vai ganhando novos contornos e se transformando aos poucos em

residencial. Inicia-se o processo de mudança provocando uma verdadeira metamorfose no espaço da Ilha de Guaratiba.

II – O PROCESSO DE MUDANÇA EM ILHA DE GUARATIBA E A SUA DINÂMICA ESPACIAL

O processo é a ação contínua que se desenvolve rumo a um resultado qualquer, como afirma Santos (1986). Por isso envolve conceitos de tempo, continuidade e mudança (Trindade Jr., 1996). Tempo porque todo e qualquer processo necessita de um determinado recorte temporal para se desenvolver através de uma determinada estrutura até começar a tomar forma no espaço. Continuidade porque o processo é o eterno “devir”, ou seja, quando um dado evento é interrompido – por qualquer que seja o motivo – ele deixa de ser um processo, pois assim como um evento é causa de outro evento, só a totalidade em movimento (processo) cria novos eventos (Santos, 2002). O resultado óbvio de todo e qualquer processo espacial é a sua materialização no espaço através de mudanças e, principalmente, pela eventual mudança de função de suas novas formas. Nesse sentido, vale repetir com outras palavras, inerente a todo e qualquer processo de mudança, as suas novas formas produzem também novas funções que sejam capazes de mudar a estrutura do lugar sobre o qual incide, provocando assim uma nova dinâmica sócio-espacial nessa porção espacial.

Passíveis de uma datação, as diversas formas que compõem o espaço são também suscetíveis de ser suprimidas. Essas mutações podem ocorrer por motivos estruturais ou funcionais, mas representam sempre uma resposta do espaço e de sua organização à dinâmica da sociedade. A mudança estrutural mantém íntima ligação com as formas. Quando velhas formas são alteradas para uma adequação às novas funções, significa dizer que a organização espacial

existente não atende de maneira tão eficaz à dinâmica social de um novo momento histórico. Alteram-se, portanto, as formas e o uso do solo, conduzindo o espaço a se adequar ao movimento que lhe concede dinamismo (Trindade Jr., 1996). Nesse caso, dialeticamente, o tempo exerceria a dupla função de agente “explicador” e também “transformador” da realidade sócio-espacial. Decodificador porque - muitas vezes - é através da análise do geográfico contexto pretérito de um dado lugar que se chega às respostas sobre as causas do evento que ocorre em suas instâncias. Segundo Milton Santos (2002), os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características. Essa mudança/transformação, apesar de ser mediada pelo espaço, obviamente não ocorre de repente, de uma hora pra outra. Necessita-se, portanto, de tempo também para que os eventos ocorram e incidam sobre o lugar, mudando assim a sua realidade sócio-espacial, através do poder transformador que possui.

Sendo o espaço a expressão territorializada da sociedade, o maior ou o menor acesso a certos padrões de consumo ocorre, em grande parte, pela segregação no espaço das diversas classes ou frações de classe. Isso se verifica basicamente em decorrência da capacidade diferencial que cada grupo social tem de pagar pela residência que ocupa, cuja característica é definida não só pelo tipo-qualidade como pela localização (Trindade Jr, 1996). A segregação residencial – comumente exemplificada pelos condomínios fechados – não se caracteriza, portanto, apenas pelo tipo de residência, mas também por sua localização, sendo que essa escolha depende, basicamente de um diferencial financeiro que permite a aquisição de um espaço valorizado por esse estrato social privilegiado que pode optar por sua auto-segregação residencial.

Muitos são os mecanismos que conduzem a um processo de mudança do uso do solo e das formas espaciais. Como parte do processo de produção do espaço urbano, os agentes produtores desse espaço provocam mudanças no uso residencial. Com isso, novos espaços residenciais são produzidos nas periferias distantes com amenidades, espaços esses - como já dissemos – destinados às classes que podem pagar por esse padrão residencial. Participam decisivamente na produção desses mesmos espaços o poder público, os proprietários fundiários e o capital imobiliário (Trindade Jr, 1996). Estas periferias enobrecidas são desta forma conceituadas por Corrêa (1997).

No caso específico do processo de produção/transformação do espaço de Ilha de Guaratiba é notória a participação efetiva dos proprietários fundiários, através, tanto da mudança de função de suas terras (onde agricultores passaram a meros proprietários de terras) que - na maioria dos casos – lhes servem apenas como reserva de valor, quanto da venda da mesma, principalmente para especuladores imobiliários. A participação ativa do capital imobiliário nesse processo pode ser mensurada através de uma simples observação empírica do lugar, metamorfoseado pela proliferação de condomínios horizontais que a cada dia abarcam novas áreas.

Em alguns casos, os proprietários de terras acumulam também a função de especuladores, uma vez que passam a agir como verdadeiros empreendedores urbanos. Para isso, eles usam de uma prática muito comum em Ilha de Guaratiba, onde há uma espécie de “maquiagem paisagística” que, para um contexto geral, Marcelo Lopes de Souza (2005, p27-28) explica da seguinte maneira:

O que pode confundir é que, na franja rural-urbana, muitas vezes a face visível do espaço (a paisagem) continua tendo um aspecto “rural”, as vezes até belamente bucólico – algumas plantações, muito verde, grandes espaços servindo de pastagem para algumas cabeças de gado - , quando, na verdade, por trás disso se verifica uma presença insidiosa e cada vez mais forte da “lógica” urbana de uso do solo. Grandes áreas servindo de pastagem para umas tantas cabeças de gado, por exemplo, nada mais são, freqüentemente, que uma “maquiagem” para glebas mantidas como reserva de valor por empreendedores urbanos; são, assim, terras de especulação, “em pousio social”, por assim dizer, e que serão convertidas, depois de muitos anos ou mesmo após algumas décadas, em loteamentos populares ou condomínios fechados, dependendo de sua localização. Nem tudo aquilo que parece ser, por conseguinte, de fato é, em matéria de espaço periurbano...

O fato de enquadrarmos o espaço local nesse tipo de ativismo especulativo, nos conduz a pensar em Ilha de Guaratiba como reserva fundiária para a atuação do capital imobiliário e a prevermos, através da intensificação do processo em voga, transformações ainda maiores, tanto na paisagem em si, quanto em toda a dinâmica espacial que envolve o lugar.

No tocante a atuação do poder público, suas ações efetivas na área estudada se resumem à provisão de infra-estrutura básica (asfaltamento de vias, água e esgoto) nos locais onde se instalam os condomínios. O poder público – através da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – possui dois importantes projetos, visando uma espécie de adequação à importância estratégica dessa parte da baixada de Guaratiba. Abordaremos sobre esses projetos ainda nesse capítulo. Contudo, primeiro, gostaríamos de retratar as transformações espaciais já manifestas na paisagem do lugar.

II.1 – AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS

Para se analisar o espaço geográfico não basta desvendar as suas múltiplas dimensões atuais. Há que se investigar também o processo histórico que lhe deu origem, pois aí estão, muitas vezes, os segredos da sua boa interpretação. Nessa busca do passado, entretanto, não devemos nos ater apenas aos vestígios concretos que ele deixou, isto é, às formas materiais que ainda subsistem na paisagem. As formas não materiais também precisam ser investigadas. Pensar o passado do espaço não significa fazer geografia antiquária. Significa buscar em tempos já idos as chaves da interpretação do presente, passo fundamental para que possamos pensar com segurança o espaço do futuro.

O que propõe Maurício de Almeida Abreu (1997, p.240) – no texto acima – não deve, em hipótese alguma, ser negligenciado pelos que objetivam estudar o espaço geográfico de uma maneira cônica e eficaz de fato. É impossível compreender um evento sócio-espacial, qualquer que seja, sem antes analisar o processo que propiciou a ocorrência do mesmo em um determinado lugar. Milton Santos (2002) ressalta que o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento e que estes são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço. Parece-nos lógico deduzir então que antes de abordarmos, de uma forma simplista, um dado evento, ora “depositado” em determinado lugar, devemos observar cuidadosamente o processo histórico que lhe originou. Nesse sentido, tempo e espaço fazem parte da mesma natureza, uma vez que se complementam, ajudando a elucidar um evento que, se não houvesse começado algum dia, obviamente não estaria exposto - de uma forma multifacetada - e passível de ser analisado.

Ilha de Guaratiba, hoje, passa por uma verdadeira metamorfose espacial no que tange à valorização imobiliária e a conseqüente proliferação dos condomínios

residenciais em sua área. Entretanto, o processo de mudança que vem modificando constantemente sua configuração teve o seu início logo nos primeiros anos da década de 1990, em decorrência do declínio da antiga estrutura sócio-espacial do lugar.

Como foi abordado ao final do capítulo I, antes da eclosão do evento em questão, a estrutura do lugar estava embasada em um modo de produção que privilegiava a agricultura, onde a maioria das terras cultiváveis era utilizada por seus proprietários – notadamente pequenos e médios produtores agrícolas – para produzir, principalmente, verduras e legumes que eram comercializados, na maioria das vezes, nas diversas feiras livres que se encontravam por vários pontos da cidade. Até a primeira metade da década de 1980, a atividade agrícola, aliada ao comércio de seus produtos nas principais feiras livres da cidade, propiciava aos produtores de Ilha de Guaratiba uma espécie de auto-sustentação que deu suporte, durante muitas décadas, a esse tipo de atividade no local. Assim como parcela significativa dos antigos moradores locais (pré 1990), o autor desse texto foi também produtor e feirante, vendendo os produtos que produzira. Como feirante, participou de vários trabalhos de campo na hoje decadente feira de Paciência, na zona oeste do Rio de Janeiro, onde ainda pode participar dos últimos “anos de ouro” dessa feira livre que era o sustentáculo econômico para muitos dos produtores e feirantes de Ilha de Guaratiba. Lembro-me com exatidão da multidão de “fregueses” que irrompia com veemência àquela feira livre ao amanhecer. Tínhamos que tomar o café ou lanche bem cedo porque após às 7 da manhã não havia mais tempo para nada, a não ser para o “sufoco” que acometia sobre nós até às 13 horas, onde – muitas vezes – não havia mais mercadoria para

vender. Os feirantes que ali trabalhavam eram, em sua maioria, meus vizinhos em Ilha de Guaratiba.

Em Santos (1997), o que o lugar é, num determinado momento, sempre constitui o resultado de ações de diversos elementos, que ocorrem em diferentes níveis. Esses, são variáveis, pois mudam de significação através do tempo. O que Ilha de Guaratiba era até a primeira metade da década de 1980 constituía-se, basicamente, da interação de um elemento interno (a produção agrícola local) com um elemento externo (a existência e funcionamento das feiras livres em outras localidades da cidade). Dava-se então a interação entre dois níveis, um de ordem local com outro de ordem extralocal. No caso específico da área estudada, a variação do elemento de nível extralocal, representado pela virtual decadência das feiras livres, ocorreu à partir da segunda metade da década de 1980, abalando drasticamente a estrutura do elemento de nível local, representado pela conseqüente decadência da produção agrícola em Ilha de Guaratiba. Acerca da relação entre o externo e o interno, Milton Santos (1997, P.96) nos propõe a seguinte dialética:

O interno é tudo que, num momento dado, está já presente num lugar determinado. No interno, as variáveis têm a mesma dimensão do lugar, as dimensões se superpõem delimitadas pelo lugar. O interno é aquilo que, num momento dado, aparece como local. A escala do lugar confunde-se com sua própria existência. Mas as variáveis que formam uma situação são freqüentemente extralocais, portanto mais amplas que o lugar. A escala das variáveis é maior do que a escala do lugar. O externo é tudo isso cuja sede é fora do lugar e tem uma escala de ação maior do que o lugar, muito embora incida sobre ele. Cada lugar tem, pois, variáveis internas e externas. A organização da vida em qualquer parte do território depende da imbricação desses fatores...

A decadência das feiras livres, provocada, principalmente, pela proliferação dos sacolões por toda a cidade, deixou a maioria dos produtores agrícolas de Ilha de Guaratiba sem mercado consumidor para seus produtos e fez com que esta atividade ruísse vertiginosamente no local. Alguns agricultores, até hoje, tentam resistir – prosseguindo com suas tradicionais plantações de verduras e legumes. Outros passaram a produzir plantas ornamentais (nas terras antes destinadas a agricultura). No entanto, a maioria deles não resistiu ao processo, tendo assim que adequar suas vidas e suas terras.

Ao perceberem que o antigo ofício não era mais compatível com suas reais necessidades econômicas, muitos dos agricultores e feirantes abandonaram de vez a sua função vendendo parte de suas terras e abrindo seus próprios negócios. Por possuírem espírito empreendedor e vasta experiência comercial, os antigos feirantes continuaram a investir no setor comercial por meio da construção de sacolões, padarias, açougues e mercadinhos que ajudaram a incrementar o comércio local. Mas não foi apenas a vida de um segmento de antigos agricultores e feirantes que mudou aos poucos. Porções de terras que os mesmos tiveram que vender para dar suporte aos seus novos empreendimentos, depois de ficarem por algum tempo ociosas nas mãos dos novos proprietários – aguardando valorização – aos poucos foram mudando de função e de feição.

A gênese do processo de mudança em Ilha de Guaratiba, notabilizada pela metamorfose espacial, vem aos poucos transformando um espaço rural/agrícola em um espaço urbano/residencial. Embora seja uma novidade local e possua peculiaridades e particularidades inerentes ao lugar, tal quadro faz parte do processo de produção do espaço urbano capitalista que Roberto Lobato Corrêa

(2000, p.16-17) descreve ao abordar, particularmente, a ação dos proprietários fundiários nesse processo:

Os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas tenham o uso que seja o mais remunerador possível, especialmente uso comercial ou residencial de status. Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isto significa que estão fundamentalmente interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso (...). A propriedade fundiária da periferia urbana, sobretudo aquela da grande cidade, constitui-se no alvo de atenção dos proprietários de terras. Isto se deve ao fato de estar ela diretamente submetida ao processo de transformação do espaço rural em urbano. As possibilidades dessa transformação são, entretanto, dependentes de um confronto entre as rendas a serem obtidas com a produção agrícola e com a venda de terras para fins urbanos. Mais cedo ou mais tarde, graças ao diferencial de renda, o uso agrícola da periferia é substituído por um urbano, passando, em muitos casos, por uma etapa de esterilização da terra. Há então um processo de valorização fundiária.

Toda mudança de função configura-se em um processo de transformação de uma certa estrutura que - desfeita ou refeita – termina por modificar também a forma (aparência) de um dado lugar. No caso específico de Ilha de Guaratiba, a desarticulação da antiga estrutura rural/agrícola, culminou no desencadeamento de um processo de transformação sócio-espacial que vem mudando de forma considerável a sua feição espacial. Partindo do óbvio pressuposto de que todo processo é algo ainda em andamento e fazendo a lógica dedução de que não existe homogeneidade em todos os elementos resultantes ou característicos do mesmo, gostaria de salientar sobre a possibilidade de perceber, através do vislumbre do local, a existência de dados iniciais do processo que ainda resistem em meio às inovações provenientes do mesmo. Essa reflexão fortalece a nossa premissa de que, o evento pesquisado, refere-se apenas ao início de uma grande

metamorfose espacial pela qual há de passar Ilha de Guaratiba nos próximos anos.

As transformações espaciais que ora abordamos, como temos visto, originou-se da mudança de função de algumas áreas agrícolas que cederam lugar aos primeiros condomínios no início da década de 1990. Apesar de terem sido o alvo inicial da especulação imobiliária e de terem representado o “estopim” do processo de mudança espacial que descrevemos, as antigas áreas destinadas ao cultivo de verduras e legumes, não foram as responsáveis pela continuidade do processo. A fertilidade do solo e a intensificação do cultivo e comercialização de plantas ornamentais no local, aliado ao alto valor comercial das terras advindas da agricultura e a sua constante valorização, representaram os fatores limitantes para a continuidade do processo nas áreas onde o mesmo se originou.

Diversas áreas antes utilizadas para o cultivo de verduras e legumes, devido à fertilidade natural de seus solos e a infra-estrutura de irrigação já existente, foram reutilizadas no cultivo de plantas ornamentais que representam atualmente uma das mais importantes atividades econômicas, em substituição aos antigos produtos agrícolas. Por serem potencialmente produtivas, essas áreas agregam um grande valor de uso que lhes conferem maior valor de troca, se comparada a outras áreas improdutivas do local, como as da planície da maré de Guaratiba, representada por uma grande área de baixada formada sobretudo por manguezais. Foi a partir do aterro de grandes áreas da planície e da destruição de vastas áreas de mangues que o processo de proliferação de moradias de classe média, representado pelos condomínios residenciais, começou a se consolidar e a se notabilizar como o fator mais relevante para a observação e a análise das

transformações espaciais que dia após dia vem mudando a paisagem do local. Os maiores condomínios têm se instalado na baixada plana, onde o manguezal tem sido destruído e por meio de aterros o terreno tem sido preparado para ceder lugar a este tipo de empreendimento imobiliário.

II.2 – O TÚNEL DA GROTA FUNDA E O BAIRRO RECREIO DE GUARATIBA: POLÍTICAS PÚBLICAS NO BOJO DAS METAMORFOSES ESPACIAIS

Em relação à implementação de políticas territoriais, Ilha de Guaratiba, no decorrer de sua história, sempre esteve à margem de investimentos públicos que viessem ao encontro das reais necessidades infra-estruturais do local. Nesse ínterim, os investimentos públicos se resumiram à criação dos trilhos que ligavam o lugar ao bairro de Campo Grande através dos antigos bondinhos no início do século XX, substituídos na década de 1960 pelo asfaltamento, a um posto de saúde municipal, a um ginásio público estadual e a uma escola municipal. Atualmente, o poder público se faz presente efetivamente na provisão de iluminação e asfaltamento em algumas vias, notadamente àquelas que abarcam os condomínios e as quadras mais valorizadas. Apesar do aparente descaso das autoridades públicas para com as carências da comunidade guaratibana, há pelo menos duas décadas a área estudada tem despertado a atenção de estudiosos e o interesse de investidores e especuladores imobiliários. Carlos Lessa (2001, p.386), ao abordar sobre o “nomadismo” residencial da demanda solvável da população carioca que partindo do centro da cidade, no início do processo de expansão urbano-residencial, vem se “espraiando” para os bairros da zona sul,

passando pela Barra da Tijuca até chegar ao Recreio dos Bandeirantes, salienta que “o capital imobiliário, ponta de lança deste movimento, precisa ser domesticado: caso contrário irá propor, proximamente, a transposição para a área de Guaratiba”. Segundo a sua proposição, o capital imobiliário deveria ser reorientado para a Área Central e para as áreas intersticiais com infra-estrutura atualmente desocupadas. No entanto, no que depender do poder público, nesse caso representado pela instância municipal, a proposta do respeitado economista não será considerada pois a iminente importância estratégica da área, aliada ao seu virtual processo de valorização imobiliária, têm chamado a atenção da prefeitura que, nos últimos anos, idealizou dois importantes projetos urbanísticos para incidir diretamente sobre o lugar.

Atualmente, o projeto mais comentado no local é o referente a construção de um túnel sob a serra da Grota Funda que ligaria diretamente o bairro Recreio dos Bandeirantes à baixada de Guaratiba sem a necessidade de se contornar o maciço representado por esse trecho da Serra Geral de Guaratiba, reduzindo assim a distância percorrida nessa travessia dos atuais quatro quilômetros para algo em torno de 1104 metros. Segundo a matéria publicada no jornal “O GLOBO” (de 09 de agosto de 2002, 2ª ed.p.15), esse projeto já teria sido licitado, restando para o início de sua implantação, apenas a assinatura do presidente da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA), na ocasião, Paulo Coutinho, por se tratar de uma via que atravessaria áreas protegidas por leis ambientais (Fernandes, 2003, p.33). Neste contexto,

O túnel da Grota Funda e seus anexos somarão 12 quilômetros de extensão. Só o túnel terá 1.104 metros de comprimento e três faixas de rolamento. Antes da entrada, no Recreio dos Bandeirantes, será construído um pedágio com 14 cabines(...). O consórcio vencedor da licitação é formado pelas empresas Construcop, de São Paulo, e Modern, dos Estados Unidos. O túnel foi orçado em R\$ 72 milhões e visa melhorar as condições do tráfego e diminuir a distância e o tempo entre as baixadas do Recreio dos Bandeirantes e de Ilha de Guaratiba.

O tão falado túnel da Grota Funda, efetivamente, ainda não saiu do papel. Mas a perspectiva da sua implantação têm provocado mudanças significativas na dinâmica sócio-espacial local e também uma divergência interna entre os moradores que aprovam e os que desaprovam a sua construção. Entre os moradores que desaprovam o projeto estão aqueles que possuem propriedades que estão no caminho do futuro túnel, sendo que alguns já receberam a notificação da prefeitura para a desapropriação de suas terras e outros aguardam, tentando alguma ação que os livre de algo que parece inevitável de lhes sobrevir: a perda de suas posses para o poder público. Dentre os moradores que aprovam e desejam a consolidação da citada obra estão os comerciantes, ávidos por um maior e melhor fluxo de pessoas e mercadorias que lhes garantam maiores lucros e os proprietários de terras e de condomínios que sempre almejam uma maior valorização fundiária e imobiliária. Em relação à dinâmica sócio-espacial, o que notadamente se percebe a partir da divulgação da construção do túnel é uma acentuação considerável, tanto no número quanto na amplitude dos novos estabelecimentos comerciais e residenciais e o conseqüente aumento, tanto do fluxo diário de pessoas quanto da população residente. Antes de 1990, o local era dotado apenas pelo típico comércio de bairro, composto por padarias,

açougues e bancas de jornais. Após 1990, surgiram mercearias e, na seqüência, mini-mercados e supermercados, citando-se apenas um tipo de estabelecimento comercial, uma vez que os atuais mercados e supermercados agregam simultaneamente açougues, padarias e sacolões (estabelecimentos tradicionais do comércio de bairro). Apesar do notável impulso provocado pela sucessão supracitada, o setor comercial que mais cresce em Ilha de Guaratiba é o da construção civil. No local, os profissionais da área (marceneiros, pedreiros e serventes) são disputados por um grande número de novos moradores e empreendedores que não cessam de construir. Esse crescimento imobiliário tem impulsionado o comércio afim que também cresce aceleradamente. Até o ano 2000, funcionavam no local apenas dois pequenos estabelecimentos de materiais de construção. A partir de então, abriram-se mais três, bem mais amplos, além de duas grandes madeireiras. O incremento das transformações espaciais, evidenciado pelo aumento crescente na construção de moradias, fomentou também o setor de serviços assemelhados, fato verificado através da observação da recente abertura de duas vidraçarias e quatro marcenarias. Em relação à proliferação de moradias, notou-se um maior investimento em divulgação e propaganda dos condomínios residenciais através de anúncios em outdoors expostos em vários bairros (Guaratiba, Campo Grande, Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca...). A repercussão promovida pelas notícias da construção do túnel também “coincidiram” com uma notória melhoria na infra-estrutura dos condomínios e com a ampliação, em número e em tamanho, desse tipo de empreendimento.

Ao deduzir que, dialeticamente, os eventos são individuais e interdependentes ao mesmo tempo e que “um evento é causa de outro evento”, Milton Santos (2002, p.163) nos trás o embasamento teórico necessário para abordarmos a consolidação do projeto urbanístico idealizado para a área estudada a partir da construção do túnel da Grotta Funda. Um jornal comunitário (GUARAZÃO: o jornal positivo, N°112-junho/2004) publicou uma matéria com o seguinte título: Prefeito quer transformar Guaratiba em nova Barra da Tijuca. Vejamos o que diz a mesma:

O prefeito César Maia anunciou que impulsionado pelo túnel da Grotta Funda, está sendo idealizado um novo projeto para Guaratiba, que seguirá os traços do arquiteto Lúcio Costa, idealizador da Barra da Tijuca, ou seja, o Rio vai ganhar um novo bairro na região de Guaratiba: o Recreio de Guaratiba.

“Quando o túnel ficar pronto, o novo bairro estará a apenas três minutos do Recreio dos Bandeirantes”, afirmou César Maia(...). “Construiremos na área plana da região uma nova Barra da Tijuca” (...).

O prefeito está editando um decreto lançando concurso de idéias para o desenvolvimento da região que terá obras de infra-estrutura, como: abertura de ruas, pavimentação e iluminação, a cargo do município. A prefeitura já iniciou estudo das modificações necessárias na legislação que regula a ocupação do solo na área.

Numa análise do texto acima, é facilmente evidenciado o exagero previsível, tanto da imprensa, que costuma ostentar notícias com enfoques da versão oficial, quanto dos políticos que, no caso brasileiro, por vezes encontram dificuldades de por em prática seus projetos. Embora não se saiba quem cometeu o exagero intrínseco nas mencionadas informações, entende-se também que existe coerência em associar a criação do novo bairro à construção do túnel. Independentemente da delineação ou não de um bairro residencial nos moldes da

Barra da Tijuca na baixada de Guaratiba como brada o título da matéria citada acima, acreditamos na criação futura de um novo bairro residencial sobre a planície, por entender que a mesma representa a área sobre a qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário.

Uma outra reportagem, dessa vez do jornal O GLOBO (domingo, 06 de junho de 2004-Nº844: Zona Oeste, p.03), produziu uma matéria sobre a criação do bairro Recreio de Guaratiba, salientando que o novo bairro terá prédios de poucos pisos com perfil semelhante ao Jardim Oceânico, na Barra da Tijuca. Assim menciona a reportagem:

Um novo bairro, com prédios baixos, lojas comerciais em andares térreos, ruas planejadas, áreas para pracinhas, postos de saúde, escolas e áreas de lazer. Para evitar que ocorra na baixada de Guaratiba o que aconteceu em Vargem Grande e Vargem Pequena, degradadas pela favelização, a prefeitura começou um estudo para decidir os padrões de ocupação do solo da área aos pés da Serra da Grota Funda, que será chamada de Recreio de Guaratiba.

O estudo, segundo o secretário municipal de urbanismo, Alfredo Sirkis, fica pronto em 60 dias e fixará regras para um concurso público, a ser lançado pela prefeitura entre arquitetos e urbanistas, com objetivo de elaborar um plano urbanístico para a área cortada pela Avenida das Américas, logo após a descida da Grota Funda. A área, que terá seus limites ainda fixados pelo estudo, será transformada em bairro pela prefeitura.

“Queremos algo parecido com o Jardim Oceânico, na Barra da Tijuca. Mas os urbanistas terão liberdade de criação” -explica Sirkis.

A matéria de Isabela Bastos reforça a nossa proposição de que a Baixada de Guaratiba representa hoje a mais nova e uma das mais importantes reservas fundiárias para a especulação e para a conseqüente atuação do capital imobiliário no Rio de Janeiro e que num breve futuro a mesma será o palco sobre o qual incidirá a continuidade do processo de expansão urbana da metrópole carioca. Percebendo essa verdade iminente, o poder público tem procurado através da

formulação de políticas territoriais, dinamizar ainda mais o já latente processo de mudança em Ilha de Guaratiba, notabilizados pelas metamorfoses espaciais que tendem a ser cada vez mais intensas conforme a efetivação dessas políticas públicas que ainda se encontram no campo das idéias, porém voltadas para este espraiamento e valorização rumo às proximidades da baía de Sepetiba, no extremo oeste da cidade.

III – A VALORIZAÇÃO DO “ESPAÇO” PRODUZINDO A VALORAÇÃO DO “LUGAR”

Ao focalizar o espaço indiferenciado transformando-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor, Tuan (1983, p. 6), refere-se ao caráter simbólico atribuído a uma dada localidade (significativa para aqueles que a “experenciam”), ou seja, em alusão à valoração que abordaremos neste texto como o valor atribuído a um “espaço” qualquer (indiferenciado), baseado em experiências vividas por pessoas para as quais este “espaço” metamorfoseou-se em “lugar”. No entanto, a passagem de espaço para lugar não envolve apenas o valor significativo da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, o valor econômico atribuído a um fixo, logradouro ou perímetro/área representa um fator indispensável para transformações espaciais qualitativas. Vejamos o que aponta o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello (1990, p.105) sobre alguns atributos no bojo de tal transição:

Certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, “sem vida” ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas, etc.

O elo afetivo entre a pessoa e o lugar é forjado através das experiências vividas, mediadas, na maioria das vezes, por uma longa e/ou intensa relação do indivíduo com o seu lugar. Esses valores são singulares e subjetivos, fazendo parte do “acervo íntimo e particular” de cada indivíduo (Mello, 1990, p.102). Entretanto, “espaços” se tornam “lugares” não apenas por meio de trocas afetivas

(valorização), mas também através de trocas econômicas ou por questão de status (valorização). Alguns espaços indiferenciados só se tornam lugares após passarem por um processo de valorização que possibilite uma mudança de concepção naqueles que nele convivem. Neste caso, a valorização do “espaço” produz uma espécie de valorização dos moradores por esse mesmo “espaço” alçado ao patamar de lugar (Tuan, 1980; 1983; Mello,1990).

Ilha de Guaratiba passa, neste início de milênio, por um processo de mudança espacial que tem provocado, igualmente, uma mudança de valores em parte de seus residentes. Esse fenômeno diz respeito à mudança de concepção dos guaratibanos em relação ao local após o início de um intenso processo de valorização imobiliária. Em nossa primeira pesquisa sobre esse fenômeno (Fernandes,2003) abordamos sobre a relevância da valorização baseada na especulação imobiliária no processo de transformação do “espaço” local em “lugar”. Neste último capítulo do segundo trabalho, gostaríamos de salientar- mais uma vez- sobre a importância da valorização do espaço local no processo de “construção” do “lugar” (valorização).

III.1 – O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO E A INFLUÊNCIA DOS NOVOS MORADORES (CONDÔMINOS) SOBRE O “ESPAÇO”

A transformação espacial ocorrida em Ilha de Guaratiba é notória. O local, durante séculos, foi pouco explorado. Os populares diziam ter “parado no tempo” em relação às outras localidades do município do Rio de Janeiro. Por esse mesmo motivo, passou a chamar a atenção de um grande número de pessoas, que em meio aos inúmeros problemas metropolitanos, os seus domínios começaram a ser

objeto de desejo no que tange a residir em um local pleno de amenidades que lhes proporcionasse a melhor qualidade de vida possível (montanha, verde, paz, silêncio, segurança, preços acessíveis...). O início da corrida em direção ao “paraíso perdido” teve a sua gênese em 1990 quando os vários proprietários de segunda residência, sobretudo sítios, passaram a residir permanentemente no local (Fernandes, 2003). Esse fenômeno chamou a atenção de alguns especuladores imobiliários do local que passaram a explorar os atributos e as amenidades da localidade em suas propagandas publicitárias. Vejamos o que relata um prospecto de uma das imobiliárias do local, já no início dos anos noventa:

Enfim, chegou sua vez de viver no paraíso! Aqui na Terra mesmo. Gambás e preás aos montes atravessam desconfiados o asfalto. Micos em penca fazem macaquices nos galhos das árvores e nos quintais das casas. Garças e patos selvagens, em sua leveza, desenvolvem coreografias cênicas sobre lagos e córregos em vôos espetaculares...

Assim é a vida por aqui. Parece que o tempo parou. É sem dúvida o novo Recreio! A diferença é que aqui você ainda negocia com caipiras decentes a preços baixos. Mini-Sítios para você morar junto ao bom e ao melhor, “longe e perto” de áreas caras e saturadas.

Na citação acima, extraída de um folder publicitário (J. Brandão Negócios Imobiliários), podemos observar a ênfase conferida a algumas peculiaridades locais, como a paisagem natural e a localização privilegiada por exemplo, usadas nesse caso como “chamarizes residenciais”. Podemos inferir conseqüentemente que, nessa época (início dos anos 90), eram comercializados no local apenas propriedades tradicionais individualizadas (mini-sítios). Esse tipo de ativismo especulativo persistiu em voga apenas durante a primeira metade da década de 1990 e como a demanda por imóveis crescia a cada dia, em 1996 começaram a

surgir os primeiros condomínios residenciais horizontais que passaram a ocupar parte da área plana do local, sobretudo na planície da maré, por meio de intensos aterramentos de manguezais e canais aluviais.

A partir da instalação dos primeiros condomínios, o “subespaço particular”, denominado genericamente “sub-bairro” por Marcelo Lopes de Souza (2004, p.309), vem passando por um rápido e crescente processo de valorização imobiliária que, ano após ano, mês após mês, vem aumentando o valor/preço do solo. A cada dia que passa, morar no sub-bairro fica mais dispendioso e difícil, principalmente nos condomínios, com raríssimas exceções, uma opção para aqueles que vem de fora (Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e Zona Sul, sobretudo). Em entrevista a uma das poucas moradoras de condomínio oriunda do lugar, Ana Cláudia, que estabeleceu residência no condomínio Parque das Garças nos relatou que o lote de 1000 metros quadrados que ela comprou em 1997 por 15.000 reais, hoje está custando 150.000. Os terrenos deste condomínio tiveram em 10 anos uma valorização de 1000% (100% ao ano). Estivemos em vários outros condomínios e constatamos a variável, porém constante, valorização de seus lotes. Vejamos alguns deles:

Condomínio Estrela da Tarde – iniciou o loteamento em 1999 com o preço inicial de R\$ 8.000 o lote com 500M que hoje custa R\$ 40.000. Valorização de 500% em 7 anos (70% ao ano).
--

Condomínio Pousos dos Guarás – iniciou o loteamento em 2001 com o preço inicial de R\$ 9.000 o lote com 500M que hoje custa R\$ 50.000. Valorização de 550% em 5 anos (110 % ao ano).

Condomínio Pedra da Ilha – iniciou a venda dos lotes no ano 2000 com o preço inicial de R\$ 10.000 o terreno com 500M que hoje está custando aproximadamente R\$ 40.000. Valorização de 400% em 6 anos (66% ao ano).

Condomínio Ilha de Guaratiba Green – iniciou o loteamento em 2000 com o preço inicial de R\$ 28.000 o lote com 500M que hoje estão a venda com o preço de R\$ 61.000. Valorização de 120 % em 6 anos (20% ao ano).

Tanto o preço dos lotes quanto a sua progressiva valorização variam conforme a localização dos condomínios e a sua infra-estrutura interna (grau de urbanização – asfaltamento, água, esgoto...). Na relação acima, o condomínio Ilha de Guaratiba Green é o único que não está localizado nas imediações da Estrada da Ilha de Guaratiba. Portanto não está inserido no “coração” do sub-bairro. Esse afastamento geográfico, alcança até 5 quilômetros, representando uma valorização bem menor de suas áreas (20 % ao ano) em relação aos demais (110 a 66 % ao ano) que se localizam nas proximidades do centro local, carregado de etnocentrismo (Mello, 2001). A adoção do nome do sub-bairro, justamente pelo condomínio mais distante do seu “centro umbigo”, em si já denota a relevância do nome “Ilha de Guaratiba” como fator de valorização imobiliária.

Até o ano passado, ao passarmos pela Estrada da Ilha de Guaratiba, pouco ou nada percebíamos de novidade, pois as grandes mudanças ocorriam nas ruas paralelas a esta. No entanto, grandes empreendimentos imobiliários fomentados por poderosos grupos como o do gigantesco Condomínio Reserva das Garças vem produzindo mudanças significativas nas feições de parte considerável do local. Ao se instalar às margens do Rio do Portinho esse condomínio abarcou uma

área de considerável dimensão, tendo seu início nos primeiros 500 metros da Rua Professor Brante Hora, penetrando quilômetros mangue adentro.

A quantidade de aterro, feito de um material bem mais oneroso que o saibro comum – conhecido como “areóla” - gasto na terraplanagem dessa área que está assentada metros abaixo do nível dos calçamentos (que estão sendo pavimentados no interior do maior condomínio do local), é impressionante. Ao se instalar a cerca de um ano, a primeira medida tomada por seus empreendedores foi o asfaltamento da Rua Professor Brante Hora. Em seguida, estes mesmos agentes modeladores do espaço providenciaram muros para todas as residências da rua, do início até o final. Só depois que todas as humildes casas da rua estavam devidamente “escondidas”, digo, muradas, ocorreu a divulgação do mega-condomínio residencial através de enormes e numerosos outdoors espalhados por toda a cidade. Ao comentar com o chefe da segurança do condomínio Ilha de Guaratiba Green, Fábio, sobre a amplitude da obra supracitada e sobre a rapidez com que a infra-estrutura (principalmente o asfaltamento da rua que foi concluído em menos de um mês) foi montada, o mesmo afirmou que entre os empreendedores desse condomínio estão um dos acionistas da empresa Ambev (proprietário da Skol) e um dos filhos do prefeito César Maia. Essa informação foi confirmada por Josimar, morador das imediações do condomínio. No entanto, além desses relatos, não consegui outra comprovação que ratificasse a veracidade dessa informação.

A chegada dos novos moradores, notabilizado pelo surgimento e proliferação dos condomínios culminou com uma mudança brusca de concepção em parte considerável dos antigos residentes. Segundo os relatos de Lara, Márcia

e Paulo César, pode-se notar que muitos guaratibanos que nutriam pelo sub-bairro uma espécie de desprezo, justificado por seu isolamento histórico e pela falta de importância que delegava ao local a desonrosa condição de “espaço”, com a chegada de novos moradores e com o crescimento e valorização que se seguiu a essa “invasão”, passaram, aos poucos, a mudar sua postura com relação ao local transformado em lugar. Para diversos indivíduos que entendiam tratar-se de um “espaço”, na realidade, Ilha de Guaratiba, passou a configurar-se um “lugar” (Fernandes, 2003).

III.2 – O PROCESSO DE VALORAÇÃO E A MUDANÇA DE CONCEPÇÃO DOS ANTIGOS MORADORES NA RELAÇÃO COM O LUGAR

O processo de valorização tem estimulado uma considerável mobilidade espacial em direção à Ilha de Guaratiba, e este não tem provocado no sub-bairro apenas uma grande metamorfose espacial. Além desse relevante fenômeno para a nossa análise geográfica, abordado especificamente no capítulo II dessa monografia, temos notado um outro, de porte existencial, pois está vinculado a uma “metamorfose sentimental” do guaratibano na relação com o sub-bairro. Segundo depoimentos dos moradores Marcelo, Carmem e Evanir, que nasceram no local, o fenômeno de valorização da área estudada é contemporâneo ao processo de valorização pelo qual o sub-bairro vem passando, ou seja, no momento em que o local começou a ser valorizado por “outsiders”, os “insiders” começaram a mudar a relação que mantinham com a sua porção territorial. Em relação à territorialidade (sentimento de pertencimento recíproco a uma base

territorial), Haesbaert (2004, p.288) formula uma visão dicotômica entre território e rede, estabelecendo que o primeiro está vinculado a um enraizamento mais estável e mais íntimo com a “área de habitação” (espaço areolar) e que o segundo é exterior e não faz parte da essência local, pois trata-se de um “espaço de fluxos”, criado a partir do rompimento de limites (espaço reticular). A extensão do tecido urbano carioca, notabilizado pelo fenômeno descrito por Abreu (1987) como “febre imobiliária”, depois de ter percorrido o litoral a partir do centro da cidade (Área Central, Zona Sul, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes), urge por atravessar o maciço (Serra da Grota Funda) em direção à Guaratiba (Lessa,2001), mais especificamente sobre a área estudada, incidindo sobre um “território” que começa a se descobrir como tal por seus habitantes a partir de sua pseudo invasão por novos moradores que, nesse caso, nada mais são que produtos da rede de fluxos populacionais dos territórios-rede que, segundo Haesbaert (2004), tanto podem subordinar os grupos mais enraizados dos “territórios-zona” quanto podem por eles ser subordinados ou influenciados. A reciprocidade das influências entre os antigos residentes e os moradores recém chegados em Ilha de Guaratiba é notória. No entanto, é patente também que a nova postura dos “nativos”, em sua relação pessoal com o sub-bairro, foi fortemente influenciada pelos novos moradores que, ao instalarem-se no local, fizeram com que os primeiros refletissem e reavaliassem sobre a relevância de seu local ou lugar.

O que será que Tuan (1983, p.21) ensejou nos revelar quando descreveu que “estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um ‘sentido de lugar’”? Interpreto as palavras do eminente geógrafo chinês como a

confirmação de que a base territorial sobre a qual o indivíduo está firmado pela raiz, nem sempre é reconhecida como um “centro pleno de valores”. Para que isso se torne uma realidade, é necessário cultivar por essa base territorial (“espaço”), através da valoração do mesmo (Souza,2004), novos sentimentos que o elevem a categoria de “lugar”. Esse processo de valoração, necessário à mudança de concepção na relação com o “espaço”, que gradualmente vai se transformando em “lugar”, foi claramente detectado nos relatos dos guaratibanos que ao darem conta do constante processo de valorização da base territorial que, até então, tratavam com indiferença (“espaço”), passaram a valorá-la, transformando-a em “lugar”. Não podemos ser deterministas à ponto de dizer que foi o processo de valorização que determinou a valoração do “espaço” local, transformado em “lugar”, entretanto, o dado processo influenciou decisivamente na mudança conceitual do guaratibano que passou a cultivar por sua base territorial comum um “sentido de lugar”.

III.3 – ILHA DE GUARATIBA: DE ESPAÇO A LUGAR

A passagem de “espaço” para “lugar”, como temos discorrido, emerge das experiências cotidianas vividas pelos indivíduos em sua base territorial. Por ser de natureza subjetiva, essa mudança conceitual ocorre na relação pessoal que cada pessoa ou grupo social nutre por sua porção espacial e, por fazer parte de seu acervo íntimo, só pode ser descrita através de relatos do homem comum que, através de suas experiências cotidianas e dos valores simbólicos atribuídos ao

seu - outrora - “espaço”, o transforma gradativamente em “lugar” (Mello, 1990). Por se tratar de um tema que precisa estar embasado em pesquisas qualitativas, deixamos para o último tópico deste texto alguns relatos obtidos através de entrevistas a moradores de Ilha de Guaratiba que subsidiaram a nossa premissa de que concomitantemente ao processo de valorização, que partiu de “fora” para “dentro”, houve um processo de valoração do local pelos “insiders” que culminou com a transformação do “espaço” de antes em “lugar”.

Nicodemos, que reside no sub-bairro há quarenta anos, ao ser perguntado sobre a veracidade de nossa proposição, nos respondeu que, até 1990, as únicas coisas que podiam ser feitas em Ilha de Guaratiba era trabalhar nas lavouras durante o dia e dormir à noite. Isso criava, principalmente nos mais jovens, ávidos por “agitos”, uma sensação de monotonia, uma vez que para se divertir, eles precisavam recorrer a outros lugares. Para Nicodemos, que tem dois filhos jovens, essa carência de opções de entretenimento (restaurantes, cinemas, áreas de lazer...), colocava o local numa posição indesejável que conduzia a maioria de seus residentes a preteri-lo, ou seja, a buscar outras centralidades de lazer.

Eu mesmo, que sempre gostei de curtir o final de semana com minha esposa, muitas vezes, era forçado a ficar em casa por nos faltar uma opção recreativa próxima de nossa casa. Hoje essa situação não existe mais no local pois, quando estou afim de tomar um “chopinho” e comer alguma coisa diferente, não preciso mais recorrer a outros lugares. Quanto a meus filhos, estes vivem bem em Ilha de Guaratiba, pois podem desfrutar dos benefícios advindos do crescimento do lugar, conclui Nicodemos.

Segundo o relato acima, a falta de “ativismos sociais” relacionados ao entretenimento e ao lazer, conferiam ao local estudado uma conotação negativa. Essa ausência impossibilitava muitas experiências afetivas do guaratibano com a sua base territorial que se refletia na sua má relação com o mesmo, uma espécie de topofobia. A partir do crescimento do sub-bairro, propiciado pelo processo de valorização imobiliária, no local começa a ser fomentado uma variada estrutura de empreendimentos comerciais e de lazer (clubes, restaurantes...) responsáveis por trazer muitos guaratibanos para um convívio mais sadio e intenso com o seu local de habitação que tem se transformado também em lugar de divertimento, ampliando assim o sentimento de pertencimento ao lugar experienciado.

Marcelo, morador da Ilha de Guaratiba desde seu nascimento, há 39 anos, nos descreveu em seu relato que o guaratibano sempre estimou a sua localidade. Todavia, essa estima arrefeceu um pouco devido ao virtual ‘congelamento’ do sub-bairro que lhe trouxe o estigma de ‘lugar atrasado’. O fato de caminhar na contra-mão, no sentido de estagnar-se enquanto os outros lugares se desenvolviam, conferiu ao local um certo sentimento etnocêntrico negativo por parte dos moradores, que influenciados pelo ‘modismo desenvolvimentista’, consideravam, no passado, sua localidade um ‘fim de mundo’. Quer dizer, a postura das pessoas residentes em outros locais do Rio de Janeiro, influenciou, sobremaneira, o citado residente em sua existencial maneira de entender o seu mundo vivido.

Com o crescimento acelerado do lugar, prossegue Marcelo, aqueles que desdenhavam o local começaram a perceber que o mesmo estava sendo ‘invadido’ por uma legião de novos residentes ávidos por um lugar pleno de amenidades, onde pudessem ter uma melhor qualidade de vida.

A violência começou a assolar com mais veemência a nossa cidade fazendo com que o 'atraso' que era problema para os nativos se tornasse a solução para os novos moradores que vieram em busca de tranquilidade. Hoje, Ilha de Guaratiba não é mais um lugar 'par adão' e atrasado como há duas ou três décadas. Creio que o lugar tenha encontrado um 'ponto de equilíbrio', e esse ponto de equilíbrio, propiciado pela chegada dos novos moradores, é o responsável pela recuperação da estima do guaratibano por seu lugar.

Marcelo conclui o seu longo relato salientando que, apesar da mudança qualitativa que houve no sub-bairro, ele teme pela perda do equilíbrio encontrado, que pode dar-se pela intensificação do processo de crescimento em voga, trazendo como consequência degradação ambiental e social, uma vez que o local ainda não possui uma infra-estrutura adequada ao crescimento fomentado.

Vários outros relatos feitos a moradores oriundos do processo em vigência (Valdir, Ana Cláudia, Maria Lúcia...), detectaram uma relação satisfatória para com a área estudada, a qual consideram um "paraíso" no interior da metrópole. Quanto aos moradores recentes, é até compreensível que se sintam em meio a um "paraíso", uma vez que o lugar no qual agora residem é reconhecidamente um local que possui inúmeros atributos e amenidades (ar puro, verde, montanha, praias próximas, silêncio, segurança). Contudo, deve ser ressaltada a "bem querência" (Mello, 1990) dos antigos residentes com relação a sua base territorial. Para estes, Ilha de Guaratiba é, por excelência, um "lugar".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos temas relevantes temos ainda a abordar sobre a dinâmica que envolve Ilha de Guaratiba. Entretanto, para não incorrer no erro de uma abordagem panorâmica, discorrendo sobre várias proposições importantes em uma monografia, desejamos, antes de concluir, deixar em aberto algumas temáticas que poderão ser abordadas futuramente, servindo assim de subsídios para o empreendimento de novas pesquisas.

- Será que os benefícios advindos do notório processo de valorização e de crescimento do referido local, são passíveis de superar os inúmeros problemas por ele causados, principalmente os relacionados à degradação do ambiente natural?

- Quais são os fatores internos que têm contribuído para a fomentação de um processo de valorização qualitativa numa área historicamente marginalizada, denominada, por alguns, de maneira etnocêntrica, como “periferia da periferia”?

- Que causas extra-locais conduzem uma parcela da demanda “solvable” da sociedade a fixar residência em Ilha de Guaratiba?

- Será que o poder público tem se comprometido em implementar na localidade uma infra-estrutura capaz de fornecer suporte ao crescimento que vige?

- A parte da baixada de Guaratiba, representada pela área estudada, pode ser considerada como reserva fundiária para a especulação imobiliária no Rio de Janeiro?

- Como será que os antigos guaratibanos estão aprendendo a conviver com as novas características do espaço local (ou lugar), cada vez mais segregado?

O Rio de Janeiro, como se sabe, cresceu em diversos eixos. Sendo assim, desde os primeiros séculos de colonização os aterros contribuíram para a organização do espaço urbano carioca. Com o crescimento da cidade, houve a necessidade de rompimento das elevações com a perfuração de túneis desde 1887 (Carvalho, 2002). Mais recentemente, nas últimas décadas, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca. Podemos finalizar dizendo que o Rio cresce em direção a planície de Guaratiba em meio à preocupação dos promotores de políticas públicas da cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Elam/Zahar, 1987.147p.

_____. A Apropriação do Território no Brasil Colonial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). Explorações Geográficas: Percursos no Fim do Século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.197-245.

ARAÚJO, Dorothy Sue Dunn de. A Vegetação da baixada de Guaratiba-Sepetiba. In Kneip, Maria Lina et al. Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987.p.47-72.

Atlas das unidades de conservação da natureza do estado do Rio de Janeiro, 1990.

BASTOS, Isabela.Recreio de Guaratiba Terá Prédios Baixos: Novo Bairro Vai Ter Perfil Semelhante ao Jardim Oceânico. O GLOBO, Rio de Janeiro, 06 jun 2004. Caderno Zona Oeste.p.03.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. Rio de Janeiro – Uma Cidade Conectada por Túneis. Monografia de especialização. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UERJ, 2002.

CASTRO, Augusto César de.Guaratiba: Ontem e Hoje.Monografia de final de curso de licenciatura em história. Rio de Janeiro: FEUC, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato.Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 304p.

_____.O Espaço Urbano. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000. 94p.

_____.Espaço: Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). Geografia: Conceitos e Temas. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.p.15-47.

FERNANDES, Marcio Luis. Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar. Monografia de final de curso de licenciatura em geografia. Rio de Janeiro: MSB, 2003.44p.

FERREIRA, Antônia Maria M; OLIVEIRA, Marli Vieira de. Contribuição ao Estudo Arqueo-Geológico do Quaternário Superior da Baixada de Guaratiba-Sepetiba. In: Kneip, Maria Lina et al. Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987.p.29-45.

GUERRA, Antônio Teixeira. Dicionário Geológico e Geomorfológico. 8.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.446p.

HAESBAERT, Rogério. O Mito da Desterritorialização: Do “fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.400p.

LESSA, Carlos. O Rio de Todos os Brasis: Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.478p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Viva e Uma Crítica Radical ao Positivismo. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p.91-115.

_____. Explosões de Centralidades na cidade do Rio de Janeiro. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (org). Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook, 2002. p.113-126.

O Túnel da Grotta Funda e Seus Anexos Somarão 12 Quilômetros. O GLOBO, Rio de Janeiro, 09 ago 2002. 2.ed. p.15.

PERFIL De Guaratiba. XXVI Região administrativa (GUARATIBA): Setor de Coletas de Dados e Informações, 2005.

PINTO, Rivadávia. Guaratiba: Um Orgulho de 407 Anos. Artigo in NOPH, 1986.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 117p.

_____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002. 384p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 560p.

_____. ABC do Desenvolvimento Urbano. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 192p.

TARGINO, Tânia; MONTEIRO, Neide Carvalho. Atlas Escolar da Cidade de Rio de Janeiro. 1.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2000. 41p.

THOMÉ, Ieda. Prefeito Quer Transformar Guaratiba em Nova Barra da Tijuca. GUARAZÃO: O Jornal Positivo, Rio de Janeiro, jun 2004. p.1.

TRINDADE JR, Sant-Clair Cordeiro da. Estrutura, Processo, Função e Forma: Aplicabilidade à Análise do Espaço Intra-Urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). Ensaio de Geografia Contemporânea-Milton Santos: Obra Revisada. São Paulo: Hucitec, 1996. p.133-140.

TUAN, Yu Fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980. 288p.

_____. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.